

Soldadinho-do-araripe: símbolo para a conservação da natureza no Cariri

Weber Girão*



A extinção de espécies é um fenômeno subestimado no Ceará, contudo, acarreta impactos significativos para a nossa sociedade. O objetivo deste artigo é apresentar um panorama sobre a perda da fauna no Cariri, alertando para sua gravidade e destacando a história do soldadinho-do-araripe, um pássaro que só existe nos municípios de Crato, Barbalha e Missão Velha.

A chapada do Araripe – principal marco de referência do Cariri, teve seu significado traduzido pelo botânico alemão Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) no “Glossário das línguas brasileiras”, publicado em 1863, onde este pesquisador reuniu os vocábulos indígenas colhidos no Brasil entre 1817 e 1820 junto com seu conterrâneo, o naturalista Johann Baptiste von Spix (1781-1826). Segundo Martius, Araripe (*arara e ype*) tem como etimologia: lugar de arara.

Atualmente é difícil imaginar que araras voaram sobre o Cariri. Contudo, bem antes de Martius, em 1639, o geógrafo holandês Elias Herckmans (1596-1644) descreveu em um livro o aspecto dos índios Cariri, comentando que estes andavam nus, exceto em determinados festejos e nas guerras, quando se cobriam de penas de araras, papagaios e periquitos. Estes índios habitavam desde a Paraíba, no planalto da Borborema, avançando pelo Rio Grande do Norte e Pernambuco até o sul do Ceará.

Outros fragmentos históricos denunciam sem querer a presença destas aves na região, como por exemplo, quando o barão Guilherme Schüch de Capanema (1824-1908), diretor da Seção Geológica e Mineralógica da lendária Comissão Científica de Exploração, estudou a chapada do Araripe, e em 1860 descreveu assim a cidade de Exu: “Exu é plantada na raiz da muralha perpendicular que limita a imensa chapada do Araripe do lado que olha para o São Francisco, e cuja aresta superior serve de linha divisória das duas províncias; ela está situada na altura onde nascem as águas perenes e assemelha-se a um desses ninhos das araras ali cavados na penedia

[penhasco]”. Segundo o historiador cearense Antônio Gomes de Freitas (1904-1976), em seu livro “Inhamuns, terra e homens”, pelo menos até 1972, araras e canindés (arara amarela) também se reproduziam nas escarpas da serra Grande, em sertões não muito distantes da chapada do Araripe; contudo, nesta época, estas já não faziam revoadas como anteriormente.

Ora, se aves grandes, coloridas e ruidosas como araras tiveram seus registros quase perdidos, imaginemos então o que ocorreu com os pequenos pássaros que ocupavam os vales profícuos do Cariri, cuja vegetação original foi totalmente modificada. Em 1887, em seu “Vocabulário indígena em uso na província do Ceará”, o historiador cearense Paulino Nogueira Borges da Fonseca (1842-1908) referiu-se a uma patativa: “um gracioso pássaro de cor plúmbea, bom cantor e muito apreciado, sobre todos, os afamados do Crato”. Esta ave corresponde à espécie *Sporophila plumbea*, cujos registros no Ceará são vagos, e capturas direcionadas para gaiolas lhe prejudicaram fatalmente, assim como ocorre com o pintassilgo (*Carduelis yarrellii*) e o canário (*Sicalis flaveola*). Outras

patativas semelhantes de menor interesse para criadores ainda existem na região, refutando a propalada hipótese de declínio acarretado pelo uso de veneno nas lavouras.

Os baixios do vale do Cariri abrigaram grandes florestas com buritizais, dos quais atualmente restam alguns poucos pés de buriti (*Mauritia flexuosa*) nas encostas da Chapada. O botânico escocês George Gardner (1812-1849) esteve no Cariri em 1838, onde testemunhou o uso do tronco desta palmeira para extração de uma bebida. Gardner também afirmou que este processo matava a planta. No sul do Piauí, em regiões não muito distantes do Cariri, esta palmeira preenche vales encharcados com florestas onde vivem araras e a inhuma (*Anhima cornuta*), ave de mais de três quilos. Curiosamente, em Santana do Cariri existe um distrito de nome Inhumas, onde esta ave desconhecida para o Ceará deve ter existido. O escritor cearense José de Alencar (1829-1877), cujo estilo literário se caracterizava por permear sua obra ficcional com elementos reais, mencionou a inhuma na obra prima *Iracema*, que se passa no Ceará.

Estas florestas em brejos do sul do Piauí também são povoadas pelo

soldadinho (*Antilophia galeata*), um pássaro completamente negro, exceto por um manto vermelho carmim que se estende do dorso até um penacho na testa. Para surpresa da comunidade científica internacional, em 1998 foi publicada a descrição de uma nova espécie do mesmo gênero do soldadinho, o soldadinho-do-araripe (*Antilophia bokermanni*), que, ao contrário de sua espécie irmã, tem o corpo branco, exceto por parte das asas e cauda. O soldadinho-do-araripe sobrevive encurralado nas fontes d'água nas encostas da Chapada, sendo um resquício da opulenta fauna destas matas que ocupavam os baixios, que segundo o naturalista carioca Francisco Freire Allemão (1797-1874), chefe da já referida Comissão Científica de Exploração, abrigavam inclusive a imensa anta (*Tapirus terrestris*), espécie atualmente inimaginável na região, bem como a guariba (*Alouatta sp.*), um macaco cuja lembrança remanesce apenas no distrito homônimo em Crato.

Além do soldadinho-do-araripe, mais cinco tipos de aves do Cariri são consideradas ameaçadas de extinção segundo o Ministério do Meio Ambiente (ver tabela). Diante deste cenário de extinções, surge a

primeira questão – Como provocamos o desaparecimento de espécies? Como resposta, temos três fatores principais: destruição do ambiente, cativeiro e caça. Estes fatores podem se combinar, acelerando o fenômeno em escala regional e global, sendo detalhados a seguir.

Destruição do ambiente. É o pior de todos, pois arrasa não somente espécies, mas ecossistemas completos, a exemplo do que ocorre no Cariri com a vegetação que margeia os rios, acarretando aprofundamento da água no solo e enchentes explosivas. A ocupação humana requer necessariamente a exploração dos recursos naturais. Contudo, o uso desmedido desta riqueza leva ao seu esgotamento, com consequências óbvias. Este problema não é novidade no Cariri, como já nos dizia o naturalista alemão Philipp von Luetzelburg (1880-1948) sobre sua passagem pela região em 1919: “... desejosos de obter terrenos para as suas plantações, destruíam as matas, e o solo fértil, naquela época ainda profusamente regado pelas inúmeras fontes existentes, (...) e assim foram os terrenos abandonados e novas florestas foram dizimadas, continuando o povo a por em prática o mesmo sistema irracional e criminoso. Estas

dizimações das matas depauperaram o solo de sais orgânicos, (...) diminuindo o volume d’água das fontes, extinguindo algumas por completo”. Empobrecidos os vales, a encosta da chapada passou a ser utilizada, sobretudo pelos engenhos de rapadura, que em seu apogeu transpuseram as águas dos leitos dos córregos para levadas de irrigação da cana, modificando totalmente a dinâmica hidrológica natural. No “Novo Almanach de Lembranças Luso Brasileiro” de 1884, a imagem de Crato era descrita assim: “Um mar de verduras, salpicado de dezenas de pontos brancos, se apresenta de chofre – são engenhos de fabricação de rapaduras, aguardente e açúcar”. Segundo o historiador cearense Raimundo Girão (1900-1988), por volta de 1860 existia cerca de 300 engenhos no Cariri. Mais recentemente, as frágeis encostas que ainda mantêm clima agradável passaram a ser ocupadas por mansões e clubes, em uma corrida imobiliária regida pelas leis de mercado, que nem sempre coadunam com políticas sustentáveis de uso e ocupação do solo.

Captura para criação em cativeiro. Este fator é o menos relacionado à subsistência, exceto no caso ilegal dos traficantes de animais sil-

vestres, e se baseia em tradições culturais que precisam ser rompidas. Paradoxalmente, se alguém mantém aves em gaiolas é por que gosta de seu convívio. Contudo, mesmo alegando que seu prisioneiro é feliz e bem alimentado, esta prática sustenta um mercado predatório onde a maior parte dos animais capturados morre durante as etapas do comércio. Como um avô explica para o neto que o chão ao redor de casas de farinha era amarelo de tantos canários? A captura aparentemente inocente de outrora, com crinas de cavalo, deu lugar às rinhas, aonde canários chegam a altos preços. Quem comercializa animais silvestres gosta de dinheiro, não de bichos, e para esse, a legislação destina as devidas sanções. Como sociedade, resta-nos exigir que lhe sejam devidamente aplicadas. Para os que ainda têm gaiolas, a esperança é que seu filho ou neto um dia possa lhe repreender, relegando este lamentável costume ao esquecimento.

Caça. No auge das secas no Ceará, muitas vezes os sertanejos tiveram as preces atendidas e sua fome saciada graças os imensos bandos de pombas-de-arribação ou avoantes (*Zenaida auriculata*) que surgiam justamente nos momentos mais difi-

ceis. O tamanho dos bandos impressiona ainda hoje; contudo, relatos do passado atestam seu declínio. O historiador cearense Antônio Bezerra de Menezes (1841-1921) descreveu no final do século XIX a quantidade fabulosa desta ave no sertão do Ceará, onde bandos demoravam horas para terminar de sobrevoar um lugar, fazendo tanta sombra que escureciam o céu, secando pequenas lagoas quando pousavam para beber e produzindo ruído equivalente ao de uma locomotiva. Atualmente esta espécie tem contingentes bem mais modestos; todavia, habitantes de centros urbanos de origens no sertão ainda fazem questão de consumir sua carne, sem necessidade, desconsiderando com ingratidão o socorro que esta ave prestou aos seus ancestrais. Há quem justifique o vício e diga que estes bandos são imensos e jamais acabarão. Para estes, vale à pena conhecer a história do pombo-passageiro (*Ectopistes migratorius*), um parente norte-americano da nossa avoante que foi considerada a ave mais abundante do planeta, estimada em mais de cinco bilhões de indivíduos. Também avaliada como um recurso inesgotável, a espécie foi caçada até o último exemplar selvagem, morto no ano de 1900. Ainda

devido à caça, uma outra ave que está prestes a desaparecer do Ceará é a zabelê (*Crypturellus noctivagus*), restando algumas nos Inhamuns e no planalto da chapada do Araripe, sendo perseguida juntamente com o jacu-verdadeiro (*Penelope jacucaca*), uma ave classificada internacionalmente como ameaçada de extinção.

A segunda questão que se nos apresenta é sobre como a extinção afetará nosso cotidiano? Um exemplo no Cariri envolve outro símbolo da região, o pequi (*Caryocar coriaceum*), fruto de indiscutível relevância sócio-econômica. Contudo, pesquisas em universidades e na Embrapa apontam que o extrativismo demasiado não permite o desenvolvimento de novas árvores, prejudicando inclusive seus dispersores naturais – animais que também se alimentam do pequi e espalham suas sementes, garantindo o nascimento de novas plantas. O principal dispersor do pequi era a ema (*Rhea americana*), por engolir o fruto inteiro e espalhar a semente com maior chance de germinação, existindo outros como a arara-canindé (*Ara ararauna*) e a cutia (*Dasyprocta primnolopha*). A ema e as araras não existem mais

no Cariri, e a cutia é um dos principais alvos de caçadores, fazendo com que o futuro do pequi também seja incerto. Entre os fatores que levaram as emas a desaparecer no Ceará, destaca-se a fabricação de espanadores. Segundo o historiador potiguar Guarino Alves de Oliveira (1922-1999), em artigo publicado no ano de 1977 na Revista do Instituto do Ceará, a exportação cearense das penas de ema em 1915, escoadas pelo porto de Fortaleza, superou 700 kg, sendo inclusive proposta ao governo a criação de reserva de fauna, ante a evidente extinção local da espécie.

O soldadinho-do-araripe apresenta uma estreita relação com a água, o recurso natural que faz do Cariri um oásis em meio ao árido sertão nordestino. O conhecimento científico e popular mostra claramente o declínio da vazão das nascentes no sopé da chapada do Araripe, e tal fenômeno não pode ser mais ignorado pela sociedade. O uso sustentável dos recursos hídricos terá de ser planejado para que o Cariri continue sendo um lugar próspero, e a perpetuação do soldadinho-do-araripe venha a ser um indicador de que estamos no caminho certo.

Desde sua descoberta, em 1996, a espécie vem sendo estudada e um Plano de Conservação da espécie foi proposto, fornecendo subsídios para que a sociedade local possa conduzir ações que evitem a perda de seu ambiente, e conseqüente extinção deste símbolo. Para obter este documento gratuitamente, basta acessar a página <http://www.aquasis.org/adm/arquivos/Plano_de_Conservacao.pdf>.

Apesar de ser um pássaro tão ameaçado, o soldadinho-do-araripe tem certas características que poderão ajudá-lo a sobreviver. Uma delas é que os jovens buscam outros lugares para se tornarem adultos, saindo de sua nascente de origem. Ou seja, se matas ciliares forem recompostas, o soldadinho-do-araripe pode passar a ocupá-las, aumentando seu contingente, que é hoje estimado em 800 exemplares. Contudo, durante este reflorestamento, os 28 km² de matas remanescentes onde ele ainda vive devem ser protegidos de modo ferrenho. A iniciativa de proprietários conscientes com áreas na encosta da serra pode garantir a manutenção de seu ambiente. Destacamos alguns destes benfeitores: o dr. Heitor de Santana, no distrito de Gameleira do São Sebastião, em

Missão Velha, que mantém uma floresta no Sítio Serra do Mato; a prefeitura de Barbalha e a comunidade de Riacho do Meio, que protege o Parque Ecológico Riacho do Meio, e o dr. Raimundo Marques, que preserva matas e nascentes próximas à nascente da Batateira, em Crato.

Outra característica que ajudou o soldadinho-do-araripe, por incrível que pareça, é que ao ser engaiolado ele vem a morrer. Isso o salvou de ser escolhido para o tráfico de animais silvestres, um dos fatores que levam uma espécie à extinção. Devido ao seu porte (15 cm de comprimento e 20 g de peso), ele não tem valor para caçadores, exceto para os meninos que andam em levadas com suas baladeiras. Professores das escolas nos pés de serra podem ajudar na conservação da espécie combatendo esta "brincadeira" com idéias criativas, envolvendo as próprias crianças como protetores deste pássaro.

O soldadinho-do-araripe é o pássaro cearense mais ameaçado de extinção, figurando nas listas nacionais e internacionais de espécies ameaçadas. Além de ser um símbolo para a conservação da natureza no Cariri, é um patrimônio que pertence a toda hu-

manidade, sendo observado por visitantes de vários países que vem ao Ceará com o objetivo principal de poder contemplá-lo.

Todavia, cabe principalmente ao nosso povo o dever de cuidar desta ave preciosa, bem como de toda a natureza que ela representa.



Soldadinho-do-araripe macho (foto: Ciro Albano)

TABELA: AVES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO GLOBAL REGISTRADAS NA REGIÃO DO CARIRI.

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	CAUSA DE EXTINÇÃO
Jacu-verdadeiro	Penelope jacucaca	Caça
Folhaeiro ou coriolano	Sclerurus scansor cearensis	Destruição do ambiente
Pica-pau-vermelho	Xiphocolaptes falcirostris	Destruição do ambiente
Soldadinho-do-araripe	Antilophia bokermanni	Destruição do ambiente
Ferreiro ou araponga	Procnias averano averano	Cativeiro
Pintassilgo	Carduelis yarrellii	Cativeiro

* Biólogo cearense especializado em ornitologia e conservação da biodiversidade

Ilha 3 Filmes **Filmagem Digital**
 (88) 8833 5512 - 9263 4363